

Ponto de vista

Luiz Felipe de Alencastro



Um índio na enchente

A enchente que inundou São Paulo na primeira segunda-feira de março encheu as medidas. Toda calamidade dessas proporções comporta uma explicação imediata e um comentário recuado. Em cima da bucha, a imprensa apontou fatos inadmissíveis que se resumem a uma só pergunta: como é possível, às vésperas do ano 2000, que a prefeitura, o Estado, as empreiteiras responsáveis e os órgãos de fiscalização deixem acontecer um desastre desses? Obviamente, a gestão da coisa pública achincalha a cidadania paulistana em particular e brasileira em geral.

Com mais recuo, as águas de março assumem outra significação. Onde veio esse toró? Vingança da natureza? Se for isso, começou cedo. As trovoadas de Piratininga já assustavam bastante seus primeiros habitantes portugueses. Alguns dos prodígios atribuídos pelos primeiros paulistas ao padre Anchieta, na abertura do processo de sua canonização (1627), se referem à proteção milagrosa por ele dispensada durante os temporais que se abatiam sobre a cidade. Os novos moradores temiam choveradas com as quais os índios se entendiam, lá do jeito deles. Da mesma forma que os japoneses quinhentistas se entendiam lá com seus terremotos, escrevia Luís Fróis, um colega de Anchieta em missão no Oriente. Autor dos cinco volumes da *História de Japam* (1584-1594), o padre Fróis observou que a frequência de terremotos dotara os japoneses de uma excepcional disposição para recomençar do zero e reconstruir o país. Trezentos e cinquenta anos mais tarde, Hiroshima e o renascimento do Japão dariam uma trágica atualidade às palavras do jesuíta português. Aqui não teve bomba atômica nem terremoto, mas há uma relação mal resolvida entre os habitantes e a natureza. O enxerto do modo de vida ocidental nos trópicos tem sido complicado. No vaivém dos povos aqui chegados, perderam-se práticas civilizadas das diferentes culturas. Os índios foram dizimados e a Mata Atlântica devastada "a ferro e

fogo", conta Warren Dean no livro de mesmo título. Sem a música de Tom Jobim, as crianças não saberiam o que era "tiê", porque nas escolas não se ensina nome de passarinho. A decantada arquitetura brasileira tem problemas de integração ao meio ambiente, os prédios novos envelhecem rápido, com mofo e infiltração.

Uma reportagem publicada pela *Folha de S. Paulo* dá um significado muito mais dramático a esse fenômeno. O repórter Armando Antenore contou o caso. Um índio isolado, de etnia desconhecida, fugindo pelas florestas do sul de Rondônia, foi localizado pela Funai. Acionado

pela entidade, um juiz federal interditou uma grande mata em volta da palhoça do índio para protegê-lo das agressões de que está ameaçado. Há um vídeo sobre o contato com o índio. Do fundo de sua palhoça, o índio apareceu e olhou em volta. Preferiu recuar alguns metros e 500 anos, como se o Brasil não tivesse sido descoberto. Para bem marcar distância lançou uma flecha de quase 2 metros na direção do grupo da Funai. Uma flecha de 2 metros demora para ser feita. Enquanto apontava a haste, o índio não pensava em bicho grande que já sumiu da mata. Pensava no bicho-homem que lhe vota uma guerra sem tréguas há vários séculos. Sessenta quilômetros quadrados e um homem só, cercado de gente que se arrepende de não ter dado cabo dele um mês atrás. Gente rica que quer terra para a fazenda, mas também gente pobre, parecida com ele, que quer terra para fazer roça. Sessenta quilômetros quadrados de mata, um índio sozinho, uma flecha de 2 metros, milhares de sem-terra. Essa

é outra conta da contabilidade histórica que não está batendo no Brasil de hoje. Não são só os números do FMI que estão desencontrados.

Do fundo da palhoça, a câmara registrou um olhar de pânico de um índio de barba rala. O olhar foi antes ou depois de a flecha ter errado o alvo? Será que ele tem ainda outra flecha? O olhar desse índio nos interpela. É o olhar dos 500 anos: ainda não sabemos gerir as grandes cidades e os grandes desafios humanos que brotaram nesse torrão.

*"Não são só os
números do FMI que
estão desencontrados.
Ainda não sabemos
gerir as grandes
cidades e os grandes
desafios humanos
que brotaram
nesse torrão"*



Luiz Felipe de Alencastro é historiador